





Editorial — Mapas de escritas: De errantes a reflexivos

[10.29073/naus.v8i2.1035](https://doi.org/10.29073/naus.v8i2.1035)

Vanda de Sousa , ESCS-IPL, Portugal, vsousa@escs.ipl.pt.

Isabel Lousada , NOVA FCSH, Portugal, isabel.lousada@fcsh.unl.pt.

Luísa Paolinelli , Universidade da Madeira, Portugal, marinho@staff.uma.pt.

Vanessa Cavalcanti , Universidade Federal da Bahia, Brasil, vanessa.cavalcanti@ufba.br.

Todas as revistas — ou quase todas — são, em certa medida, mapas. Mas há números que se oferecem menos como cartografia e mais como viagem: não indicam rotas seguras, antes convidam à deriva atenta entre textos, tempos, ideias e inquietações. Este volume da NAUS nasce desse impulso errante e reflexivo, reunindo contributos que interrogam a cultura como lugar de tensão — entre o que se herda e o que se contesta, entre o que se narra e o que se silencia.

O ponto de partida é uma figura que viveu à margem da visibilidade: Santo Aleixo. Em “Faces da fé e do destino”, a hagiografia medieval deixa de ser um resíduo devocional para se revelar como máquina simbólica, produtora de sentido, reguladora dos afectos, pedagoga da renúncia. A abnegação surge aqui não apenas como virtude moral, mas como linguagem e tecnologia cultural. Ao seguir o seu rasto até à literatura moderna e contemporânea, o texto desnaturaliza o sacrifício e devolve ao leitor uma interrogação incómoda, mas necessária: quem beneficia quando o sujeito aprende a desaparecer?

Essa mesma pergunta ressoa, sob outra tonalidade, na leitura de Inês de Castro proposta em “Fero amor, coroa furtiva”. No interior do épico camoniano, o amor apresenta-se como excesso que o poder procura conter, e a morte como gesto fundador de memória. Inês não é apenas personagem: é figura-limite, onde se cruzam desejo, violência e construção simbólica da nação. Ao regressar a Os Lusíadas, o artigo mostra como a literatura, mesmo quando celebra, conserva sempre uma fractura — um lugar onde a glória se contamina de perda e o heroísmo de luto.

Do passado mítico e literário, o número desloca-se para um presente saturado de dispositivos. “Cérebro e tecnologia” propõe uma reflexão que atravessa séculos de pensamento para regressar a uma pergunta elementar: o que significa evoluir? Entre filosofia e neurociência, o texto recorda que a tecnologia, por mais sofisticada que seja, permanece ferramenta — e que o humano não se mede pela velocidade das máquinas, mas pela capacidade de habitar as suas próprias contradições. Num mundo crescentemente automatizado, pensar torna-se, paradoxalmente, um gesto de resistência.

A guerra irrompe depois como ruído persistente da história. Em “Inusitados ou habituais na História?”, os “agoras” do conflito surgem como camadas temporais que se repetem, se sobrepõem e nos assombam. A guerra, transformada em imagem, em notícia, em consumo quotidiano, ameaça perder a sua densidade ética. O ensaio recusa essa anestesia e insiste na memória, na inquietação, no desconforto do olhar. Porque há violências que apenas persistem enquanto nos habituamos a elas.

O tempo recente da pandemia surge, neste percurso, como experiência-limite. “Produção de sentidos sobre o ensino remoto emergencial” lê os documentos oficiais do Brasil e de Portugal como textos que fazem mais do que regulamentar: dizem o que é ensinar, quem deve adaptar-se, quem fica para trás. A linguagem institucional revela-se aqui como campo de disputa simbólica, onde se jogam ideias de continuidade, equidade e exclusão. Mesmo em tempos de urgência — talvez sobretudo neles — as palavras nunca são inocentes.

O artigo “Resgate e pós-resgate: escritoras brasileiras do passado” propõe uma reflexão decisiva sobre o próprio gesto de recuperar a memória literária. Mais do que reinscrever nomes esquecidos no cânone, o texto interroga criticamente a linguagem do “resgate”, recusando a ideia implícita de passividade que o termo pode convocar. Ao acompanhar o percurso das investigações sobre autoria feminina no Brasil, desde os anos 1980 até ao



presente, o ensaio afirma a urgência de um tempo seguinte — o do pós-resgate — em que não basta reencontrar textos: é preciso lê-los, contextualizá-los, ensiná-los e permitir que circulem de forma viva. O que aqui se desenha é uma ética da memória literária que não se satisfaz com a restituição arqueológica, mas exige continuidade crítica, responsabilidade historiográfica e uma reconfiguração efetiva dos modos de ensinar e pensar a literatura.

A transcrição “*A institucionalização dos estudos feministas: representação, reconhecimento e resistência*” introduz no volume uma voz deliberadamente inquieta, que recusa consensos fáceis e convoca o desconforto como método crítico. Partindo de uma reflexão situada entre Portugal e o Brasil, o texto problematiza a universidade contemporânea enquanto espaço paradoxal: simultaneamente lugar de legitimação do saber e de captura pela lógica produtivista. Ao questionar a institucionalização dos Estudos Feministas, a autora não propõe um recuo, mas uma vigilância ética permanente — sobre quem fala, para quem se escreve e a quem serve o conhecimento produzido. Entre memória dos feminismos, crítica ao capitalismo académico e reconfiguração da ideia de sororidade, esta intervenção lembra que a resistência, quando se transforma em rotina discursiva, corre o risco de se esvaziar. Pensar, aqui, é resistir à pressa, ao número e à obediência silenciosa.

O volume encerra com duas resenhas, que funcionam como gestos de leitura atenta e de restituição crítica. A leitura da Primeira biografia do marquês de Pombal recorda a importância do arquivo, da paciência editorial, da reaproximação crítica ao passado, consciente das suas ambiguidades e tensões. Já a resenha de Diário de Luzia: Caminhos da Vida, Um Jornal abre espaço à escrita íntima feminina, onde a vida quotidiana, a dor e o pensamento se entrelaçam num registo que resiste ao esquecimento e desafia os cânones da história literária.

Este número da NAUS não oferece um fio único nem uma conclusão apaziguadora. Propõe, antes, um exercício de atenção: às palavras que moldam valores, às narrativas que legitimam gestos, às tecnologias que prometem futuro, às guerras que insistem em repetir-se, às vozes que durante tanto tempo escreveram em silêncio. Ler estes textos é aceitar a travessia — e reconhecer que, na cultura, como no mar, não há verdadeira navegação sem risco.

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo da NAUS — *Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais* é licenciado sob [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.